

LACOSTE, PABLO (2019). *LA VID Y EL VINO EN EL CONO SUR DE AMÉRICA ARGENTINA Y CHILE (1545-2019). ASPECTOS POLÍTICOS, ECONÓMICOS, SOCIALES, CULTURALES Y ENOLÓGICOS*. MENDOZA: INCA EDITORIAL. 172 P., IL. ISBN 978-987-86-0993-5.

CARLA SEQUEIRA (CITCEM, FLUP)*

O livro *La vid y el vino en el Cono Sur de América Argentina y Chile (1545-2019)*, da autoria de Pablo Lacoste, insere-se na sua vasta produção bibliográfica sobre esta temática. Redigida com recurso a um corpo documental estruturado e bibliografia actualizada, a publicação segue, simultaneamente, uma linha temática e cronológica, apresentando ao leitor a evolução do sector vitivinícola na Argentina e no Chile entre 1545 e 2019, numa perspectiva política, económica, social, cultural e enológica.

A obra consta de quatro capítulos e uma conclusão, contando ainda com prólogo de Philippo Pszczółkowski Tomaszewski.

O capítulo 1 aborda as origens da vinha na Argentina e no Chile, chamando a atenção para a importância dos conventos e mosteiros, a par do papel das mulheres-empresárias (por herança ou, maioritariamente, por iniciativa própria), no desenvolvimento da vitivinicultura. Fala-nos ainda das castas (europeias e autóctones), tipos de vinho e formas de condução de vinha, para concluir que, entre 1545 e 1860, os diversos actores sociais tinham em comum a valorização da vinha e do vinho. A independência da Argentina e do Chile acarretou algumas alterações (como o fim da dependência do trabalho escravo) mas manteve os espaços geoeconómicos do modelo espanhol, estabelecendo fortes vínculos económicos, políticos e militares

como base do desenvolvimento, a par da valorização dos vinhos típicos.

No segundo capítulo, o autor centra-se no período de maior expansão da vinha e do vinho nos territórios em análise, ocorrido entre 1860 e 1930. O caminho-de-ferro terá constituído um dos principais factores de desenvolvimento, a par da devastação causada pela filoxera na Europa, que propiciou o reposicionamento da Argentina e do Chile no mapa mundial da vinha e do vinho, e a alteração do paradigma hispânico pelo francês. Esta alteração de paradigma terá conduzido à perda de identidade, desvalorização do património vitivinícola autóctone e proliferação das imitações de denominações de origem europeias, fomentadas pela ausência de protecção legal e pelas preferências do mercado interno.

Entre 1930 e 1990, período abordado no terceiro capítulo, assistiu-se ao desenvolvimento de um novo pensamento crítico, que conduziria à busca de identidade. O sector vitivinícola, tanto na Argentina como no Chile, entrou numa nova etapa em consequência da Grande Depressão de 1929, cujo impacto levou à produção de vinhos exclusivamente para o mercado interno e ao assumir, por parte do Estado, um papel regulador.

O quarto capítulo debruça-se sobre a recuperação da identidade e do património vitivinícola argentino e chileno, ocor-

1 O autor não segue o acordo ortográfico de 1990.

rida entre 1990 e 2019 e que ficaria marcada por mudanças culturais e o aumento de qualidade dos vinhos. A par do investimento nos mercados externos, verificou-se a valorização do território através da criação e regulamentação de Denominações de Origem (no Chile) e Indicações Geográficas (na Argentina), seguindo a prática europeia (iniciada nas primeiras décadas do século XX).

Na Conclusão, Pablo Lacoste aponta as principais premissas que caracterizaram a evolução histórica do sector vitivinícola no Cone Sul da América, no âmbito enológico, tecnológico, e económico. Em qualquer um dos três, o ponto de viragem situou-se por volta de 1850, assinalando, no primeiro, um novo paradigma enológico, o arranque de uma viticultura industrial, no segundo e, no terceiro, um período

de livre-câmbio, a que se sucederia o paradigma keynesiano (1930-1990) e o da globalização, a partir de 1990.

Do ponto de vista científico, o livro *La vid y el vino en el Cono Sur de América Argentina y Chile (1545-2019). Aspectos políticos, económicos, sociales, culturales y enológicos*, constitui uma obra a ter em conta pelos estudiosos de temáticas relacionadas com a vinha e o vinho, por diversas razões: por constituir uma boa síntese da história vitivinícola da Argentina e do Chile, desde as suas origens à actualidade; pela solidez da informação apresentada; por permitir estudos comparados entre diferentes regiões vitícolas a nível global, facilitados pelos pontos de contacto que a publicação evidencia ao longo das suas 172 páginas.

CRESSY, DAVID (2018). *GYPSIES: AN ENGLISH HISTORY*. OXFORD, NEW YORK: OXFORD UNIVERSITY PRESS.

FRANCISCO MANGAS (CITCEM, FLUP)*

Afastados das narrativas nacionais, os ciganos têm sido estudados pelos historiadores britânicos com «no more than glancing attention, usually with regard to poverty, vagabondage, divination, or deceit», considera David Cressy (p. 271) na obra em epígrafe. É defendida uma nova visão, centrada na recusa de uma abordagem «inward-looking and harnessed to other agendas» e na inclusão da vivência *romani* no curso da História — particularmente na História Social — de Inglaterra (pp. XI-XIII). Consegue o autor atingir esse objetivo? A apreciação que fazemos da

obra inclina-nos para uma resposta negativa, pese embora o livro traga novas leituras sobre o passado Rom que, pela sua importância, tentaremos realçar.

David Cressy apresenta-se ao leitor sublinhando a experiência granjeada por anos de investigação histórica em torno dos grupos colocados nas margens da História e das historiografias. O livro, afirma, «draws on decades of teaching and research on English social history, and an enduring interest in the relationship of the margins and the mainstream, the powerful and the powerless, the established and the inse-

* Investigador no CITCEM; doutorando em História na FLUP com bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES — SFRH/BD/146914/2019). Email: franciscodmangas@gmail.com.

cure» (p. XI). Embora esta seja a sua primeira obra dedicada às comunidades Roma, Cressy notabilizou-se por trabalhos como *Literacy and the Social Order: Reading and Writing in Tudor and Stuart England* (Cambridge University Press, 1980) ou *Dangerous Talk: Scandalous, Seditious and Treasonable Speech in Pre-Modern England* (Oxford University Press, 2010). Cronologicamente centrado nos «cinco séculos» de presença dos Roma nas ilhas britânicas, a obra extravasa a Época Moderna, séculos em que tradicionalmente se tem situado a bibliografia de Cressy. Os eventos de 2011 em Dale Farm, Essex, em que um acampamento é arrasado por intervenção policial, e a sua cobertura mediática, reforçam, por exemplo, uma das ideias-chave do texto: «the usual mixture of prejudice, misrepresentation, and anxiety» (p. 223) perdura desde o século XVI nos contactos e representações entre a sociedade dominante e esta minoria.

O historiador inglês, com uma carreira de lecionação associada a universidades norte-americanas, como a Universidade Estadual do Ohio, propõe recuperar a «experiência histórica» dos ciganos ingleses, mas também «to understand the social anxieties and political responses of the society through which they travelled» (p. IX). Na verdade, ao longo das cerca de quatrocentas páginas do texto, aquela «experiência» surge apenas espaçadamente e a monografia cedo se centra na segunda vertente, focada em examinar «how the state and community dealt with the gypsies» (p. XII).

A abordagem de Cressy dá uma enorme preponderância às fontes judiciais. O autor faz a necessária crítica a esta tipologia de fontes, assinalando a visão redutora sobre as vivências ciganas que transmitem (pp. 18, 77), mas acaba por as tornar no ele-

mento central da sua análise historiográfica. O peso, a nosso ver excessivo, dado a fontes de natureza judicial radica na forma como a monografia se estrutura. Ao adotar uma perspetiva marcadamente cronológica — os capítulos dividem-se seguindo a cadência das diferentes dinastias e reinados, com exceção dos dois últimos, mais globalizantes — e muito descritiva, o autor acaba por favorecer uma interpretação literal das fontes. Exemplo disso são as páginas que dedica ao processo de Mary Squires, mulher cigana acusada de rapto, num processo que mobilizou a opinião pública inglesa do início da segunda metade do século XVIII (pp. 126-139). Este é um momento-chave na relação entre os Roma e o sistema judicial inglês — Squires viria a ser inocentada das acusações. O processo traz informações importantes sobre a vida nas comunidades Roma inglesas da época, que o autor não ignora, mas não explora devidamente, por mais preocupado em *relatar* os diferentes momentos do caso nos tribunais.

Uma outra vertente de *Gypsies: an English History* diz respeito à forma como estes homens e mulheres foram enquadrados na cultura escrita inglesa. O autor convoca um conjunto amplo de fontes. As literárias, mais frequentes nos parágrafos sobre os séculos XVI e XVII (mas não exclusivamente), e toda a reflexão intelectual que se desenvolve nos séculos XVIII e XIX. Cressy reconhece que, nestes textos, os *romanis* são «victims of false perception, cultural construction, and sentimental misrepresentation» (p. 230). Embora baseando-se novamente numa enumeração excessiva (preocupa-se em compilar o maior número possível de referências ao povo cigano nos textos publicados nos séculos em causa), consegue atingir o objetivo a que se propunha: mostrar «how

popular and creative writers developed a stereotype of Gypsy criminality and deceit that was plagiarized and recycled for amusement and profit» (p. XIII). O reduzido destaque dado pelo autor ao que chama de «Evangelic Ethnographers» dos inícios de Oitocentos (pp. 160-161), intimamente ligados à fundação, na década de oitenta do século XIX, da Gypsy Lore Society (pp. 176-183), estranha-se. O papel central do *gypsiorism* na historiografia «moderna» sobre os indivíduos desta etnia merecia uma análise mais demorada², que permitiria o estabelecimento de pontes com a última parte do texto — quando os trabalhos contemporâneos são alvo de apreciação (pp. 271-278).

Gypsies: an English History é um marco importante na historiografia britânica³. Pela primeira vez, o povo cigano inglês, há mais de um século alvo de atenção sistemática de grupos de intelectuais, tem uma

obra global sobre a sua história. David Cressy elenca com clareza os pressupostos teóricos inovadores a que pretende dar resposta — seja pela releitura das fontes, tentando colocar as vivências ciganas no centro da pesquisa, ou a vontade de integrar o passado Roma no mais lato espetro da História de Inglaterra. A nosso ver, a aplicação prática desses objetivos não é conseguida. A escassa e enviesada base heurística sobre estas comunidades tem um peso ao qual é difícil escapar, mas, mais do que isso, a própria estrutura do texto realça as dificuldades colocadas pelas fontes. As fragilidades não devem fazer esquecer, não obstante, o papel importante desta monografia: «By tracing interactions over half a millennium, we restore lost elements of England's cultural heritage and potentially empower participants for the future» (p. 269).

TRINDADE, SARA DIAS; CARVALHO, JOAQUIM RAMOS DE (2019). *HISTÓRIA, TECNOLOGIAS DIGITAIS E MOBILE LEARNING: ENSINAR HISTÓRIA NA ERA DIGITAL*. COIMBRA: IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

LUÍS ALBERTO MARQUES ALVES (CITCEM, FLUP)
FRANCISCO PEREIRA (FLUP)

A introdução das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) nas Escolas é, desde há vários anos, um facto consumado. Cada vez são mais os casos de aposta na introdução das mais variadas experiências com o digital, apostando numa interação entre o mundo a

que os jovens nativos digitais estão habituados a viver e as potencialidades que estas estratégias podem trazer ao mundo da educação.

Partindo desta premissa e movidos pela inquietação de verificar a «relevância que pode ter o uso de tecnologias digitais

² Os ecos da Gypsy Lore Society nos debates contemporâneos travados na historiografia construída em torno desta área de estudos percebem-se com clareza em SELLING, Jan (2018). *Assessing the Historical Irresponsibility of the Gypsy Lore Society in Light of Romani Subaltern Challenges*. «Critical Romani Studies». 1:1, 44-61.

³ Uma síntese desse trabalho historiográfico pode ser lida em TIMBERS, Frances (2016). «*The Damned Fraternity*»: *Constructing Gypsy Identity in Early Modern England, 1500-1700*. Oxon, New York: Routledge, pp. 2-6.

móveis na sala de aula, como forma de potenciar ambientes de ensino mais enriquecedores e aumentar, assim, a qualidade da educação», os autores Sara Trindade e Joaquim Carvalho, apresentam-nos esta monografia — *História, Tecnologias Digitais e Mobile Learning: Ensinar História na Era Digital* — onde assumem como horizonte da sua investigação o imperativo de responder à seguinte questão: que impacto têm os dispositivos móveis como os tablets, e os ambientes tecnológicos que lhes estão associados, no envolvimento e na aprendizagem dos alunos nas aulas de História?

Conscientes da complexidade envolvida no processo de construção do conhecimento histórico, os autores partem para este estudo convictos de que a apropriação das tecnologias no ambiente educativo promove uma educação mais individualizada e assente na postura ativa do estudante enquanto elemento central na construção do seu próprio conhecimento.

O livro agora apresentado encontra-se organizado em 5 capítulos, criteriosamente estruturados em duas grandes partes. A primeira, intitulada *História, Tecnologias Digitais e Mobile Learning*, apresenta uma revisão da literatura estruturada em três capítulos, onde é avaliado o papel das tecnologias digitais na educação, o lugar das mesmas na era *mobile*, assim como a complexidade apresentada pela disciplina de História. Aqui encontramos uma reflexão que tem por base uma profunda experiência de investigação e a consulta de um corpo documental de grande riqueza e variedade. A segunda parte, dedicada à problemática *Ensinar História na Era Digital*, constitui a apresentação dos resultados obtidos pelos autores no estudo de caso desenvolvido, assim como a metodologia adotada. Nesta última parte há lugar ainda para algumas considerações finais, que

constituem um momento reflexivo, resultado do relacionamento entre as ideias teóricas inicialmente apresentadas e as conclusões obtidas com a estratégia didática proposta.

A obra arranca com um capítulo intitulado *As tecnologias digitais na educação*. Aqui, os autores chamam a atenção do leitor para a importância da Escola, enquanto figura central na construção da Sociedade do Conhecimento. Nesse sentido, é analisada a função assumida pela educação com o intuito de potenciar a utilização das tecnologias enquanto ferramentas que possibilitem a transformação da informação em conhecimento significativo. Neste aspeto não são deixados no esquecimento os desafios que tal postura acarreta, nomeadamente junto de grande parte do corpo docente que, segundo dados apresentados, ainda revelam desconfiança relativamente às TDIC, em grande medida alimentada pela *tecnofobia*. Após esta contextualização, somos convidados a conhecer, numa lógica cronológica, um conjunto de iniciativas desenhadas com o objetivo de promover o acesso à informação digital e dessa forma, contribuir para uma maior competitividade, não só de Portugal, como da União Europeia. O relatório apresentado constitui uma listagem de projetos que, segundo os autores, «se adequam, de uma forma mais ou menos direta» à «sua utilização no contexto de *Secondary School System*». Entre eles destacamos: a iniciativa *eEurope2002*, que procurou reunir condições para a criação de «uma Europa digitalmente instruída»; a *Agenda Digital Europeia*, que uma vez mais vem alertar para a importância das TIC na obtenção de sucesso na concretização das ambições para 2020; e ainda a comunicação apresentada pela União Europeia em 2013 sob o mote *Abrir*

a Educação: Ensino e aprendizagem para todos de maneira inovadora graças às TIC e aos Recursos Educativos Abertos. À escala nacional, os autores recordam a importância de iniciativas como o *Projeto Minerva* (1985), o *Livro Verde para a Sociedade da Informação* (1996), a *Iniciativa Ligar Portugal* (2005), o *Plano Tecnológico da Educação* (2007-2013), entre outros que contribuíram para o esforço demonstrado nos últimos anos no sentido de caminhar ao lado da Europa, na construção de uma sociedade digital.

Este primeiro capítulo culmina com a apresentação de duas *Novas abordagens educacionais para a Era Digital*. Os autores destacam a importância do Conetivismo, numa sociedade em que o conhecimento se afirma como um ato coletivo, construído em rede e fundamentado nas ligações estabelecidas entre os indivíduos. Como reforço desta teoria, são apresentados ainda os contributos de Dave Cormier e da sua Educação Rizomática, que propõe uma alteração no modelo tradicional de validação do conhecimento, por uma validação em tempo real, pela comunidade que o produz, o que deverá também influenciar a forma como se definem e organizam os currículos, permitindo o acompanhamento do vertiginoso avanço das tecnologias digitais, nas palavras dos autores.

Com o segundo capítulo deste trabalho, os autores procuram definir o papel das *Tecnologias Digitais na Era Mobile*. Conscientes de que os «jovens têm hoje toda uma nova forma de encarar o conhecimento» e de «pensar, também na escola, de uma forma diferente da de gerações anteriores» entendem que a Escola tem o dever de se adaptar «a uma nova era educacional e desenvolver as competências digitais necessárias para preparar os alunos para este “novo” mundo digital», contribuindo

para a criação de um ambiente estimulante, ao mesmo tempo que são rentabilizadas as vantagens da utilização das tecnologias digitais. Nesse sentido, é defendida a utilização dos dispositivos móveis em contexto de sala de aula, uma vez que, para além de constituir um elemento motivacional, na opinião dos autores encerra um conjunto de potencialidades que permitem ao discente assumir a dianteira na construção do seu conhecimento e podem, efetivamente, quebrar as barreiras da Escola, tornando a aprendizagem um ato contínuo, sem ser entendida como tal.

De entre um conjunto de dispositivos móveis, os autores deste trabalho destacam a pertinência da utilização dos *tablets* em contexto educativo. Antes de mais, por serem «instrumentos absolutamente atraídos para os alunos de hoje», na medida em que possibilitam a «personalização da aprendizagem», contribuindo para o desenvolvimento de experiências construtivas, onde o professor desempenha a figura de «facilitador» do conhecimento. Ainda assim, os autores salientam a importância da orientação do docente, identificando um conjunto de recomendações no sentido de se contruírem momentos de aprendizagem significativa.

O terceiro capítulo — *Complexidade em História* — procura perceber porque será a História uma disciplina complexa e quais as características que a diferenciam de outras áreas do conhecimento. Sobre esta questão, os autores referem claramente que é seu objetivo «demonstrar como as teorias da complexidade e de emergência que têm vindo a ser desenvolvidas no âmbito de diferentes trabalhos, não podem de forma alguma ser ignoradas quando tratamos o ato de desenvolvimento do conhecimento histórico em jovens, uma vez que, como temos vindo a defender ao

longo do nosso trabalho, é reconhecido que este reconhecimento é muito mais do que a mera recolção de datas e de acontecimentos». Partindo desta ideia, reforçam a importância do ensino e do estudo da História, nomeadamente num contexto de uma sociedade «totalmente mediatizada, movimentada, pluralista e complexa». Este capítulo termina deixando perceber a crença de que a utilização das TDIC pode ser particularmente útil no contexto do ensino da História, que se apresenta como uma disciplina complexa e não linear, na medida em que «as tecnologias digitais, ao permitirem a apresentação da informação de uma forma também não linear, podem contribuir para auxiliar os alunos na compreensão dos conteúdos históricos que lhes são ensinados».

O quarto capítulo — *Estudo de caso: Metodologia* — introduz a segunda parte deste livro — *Ensinar História na Era digital* — e constitui o momento de aplicação prática dos princípios teóricos previamente desenvolvidos. No estudo de caso desenvolvido Trindade e Carvalho pretendem esclarecer o leitor quanto à seguinte questão: que impacto têm os novos dispositivos móveis como os *tablets* e os ambientes tecnológicos que lhe estão associados no envolvimento e na aprendizagem dos alunos nas aulas de História? Por forma a responder a esta questão e verdadeiramente interessados em compreender como tirar partido das tecnologias digitais e com isso promover uma melhoria da qualidade da Educação Histórica, selecionaram a metodologia de estudo descritivo com carácter exploratório. Para tal, escolheram um conjunto variado de técnicas de recolha de dados, que vão desde inquéritos através de questionários até ao registo no diário de bordo e análise documental, passando pela observação de aulas.

O estudo de caso foi desenvolvido com um universo de 47 estudantes, do 9.º ano de escolaridade, que tiveram a possibilidade de aceder a um manual digital, criado com recurso à plataforma *iTunes*, dedicado à temática da revolução democrática de abril de 1974. Com este recurso, foi possibilitado aos alunos «visualizar a evolução dos acontecimentos enquanto procuravam resolver pequenas tarefas que os obrigavam a, permanentemente, ter de colocar em prática as suas capacidades ao nível da análise e sistematização da informação recebida».

Após apresentarem o corpo metodológico que norteou o seu estudo de caso, os autores dedicam o quinto e último capítulo do livro — *Estudo de caso* — a uma análise minuciosa dos dados recolhidos durante as 9 sessões em que aplicaram a estratégia didática em torno das tecnologias digitais. Esse trabalho analítico permitiu aos autores retirarem as seguintes conclusões:

- A motivação foi um elemento constante durante todo o processo;
- Verificou-se uma grande evolução desde o teste inicial ao teste final;
- Houve uma clara melhoria nas competências para a construção do conhecimento histórico;
- A metodologia adotada permite um aumento qualitativo no acesso às fontes e na estruturação de todo o processo de aprendizagem;
- Foi conseguida uma maior eficácia na organização do processo de aprendizagem, facilitando a transição entre o consumo e análise da informação e a produção de novos conhecimentos;
- A metodologia permitiu a passagem pelas três fases do processo de aprendizagem: domínio dos conteúdos, utilização dos conteúdos e apropriação dos mesmos.

Os autores concluem o capítulo convictos de que a apropriação das TDIC em contexto de sala de aula promove uma aprendizagem efetiva e significativa junto dos discentes, na medida em que possibilitam um maior envolvimento nas temáticas, ao mesmo tempo que constitui uma fonte excecional de recursos e potencia uma boa organização dos materiais. Terminam dizendo que a estratégia representa «um salto qualitativo no processo de aprendizagem em História, enquanto disciplina de alguma complexidade, e que lida com conceitos que precisam de ser devidamente compreendidos pelos nossos alunos para que estes consigam, de forma plena, construir, de forma crítica, por si próprios, o conhecimento histórico».

Quanto a nós, partilhamos da mesma convicção, agora reforçada pela leitura de

um trabalho sério que resulta de uma grande maturação investigativa e que disponibiliza, não só, os resultados de uma investigação metodologicamente irrepreensível, como fortalece a validade da aplicação da educação móvel no contexto da História, mas também constitui uma inspiração para a correta utilização das TDIC numa conjuntura, como a que vivemos, em que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação assumem, cada vez mais, um papel fundamental enquanto elemento de aproximação. Parece-nos de todo o interesse visitar o estudo *História, Tecnologias Digitais e Mobile Learning: Ensinar História na Era Digital* que corporiza um importante contributo para promover a reflexão em torno do papel do ensino da História numa sociedade cada vez mais global e digitalmente conectada.